



Planeta

BÁRBARA CARINE

**COMO SER UM
EDUCADOR
ANTIRRACISTA**



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Como ser um educador antirracista

Bárbara Carine

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Bárbara Carine Soares Pinheiro, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Todos os direitos reservados.

PREPARAÇÃO: Karina Santos
REVISÃO: Lígia Alves e Renata Miloni
DIAGRAMAÇÃO: Nine Editorial
PROJETO GRÁFICO E CAPA: Julia Custodio

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Pinheiro, Bárbara Carine Soares
Como ser um educador antirracista / Bárbara Carine Soares
Pinheiro. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
160 p.

ISBN 978-85-422-2125-1

1. Educação 2. Antirracismo I. Título

23-0667

CDD 370.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo.

2023

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Sumário

Prefácio	9
Apresentação	17
“Eu, professor branco, posso ser antirracista?” ...	33
<i>É pela estética, e não pela genética.....</i>	<i>39</i>
<i>O privilégio branco</i>	<i>41</i>
<i>Raça como constructo social</i>	<i>43</i>
<i>A branquitude nos espaços de poder.....</i>	<i>46</i>
<i>A escravidão no passado e no presente</i>	<i>48</i>
<i>O mito da democracia racial</i>	<i>50</i>
<i>A incompreensível disputa pela negritude.....</i>	<i>52</i>
<i>Afinal, o que é branquitude?.....</i>	<i>55</i>
<i>Mais que não ser racista, é preciso</i>	
<i>ser antirracista</i>	<i>57</i>
<i>O antirracismo, uma luta de todos.....</i>	<i>59</i>
<i>O lugar de fala de cada um.....</i>	<i>62</i>

Um caso de racismo na escola: como atuar?	65
<i>George Floyd e a descoberta do racismo</i>	<i>68</i>
<i>Racismo é crime</i>	<i>70</i>
<i>Eles não são monstros</i>	
<i>e não são solitários</i>	<i>72</i>
<i>Formando educadores antirracistas</i>	<i>75</i>
<i>Aprender dói</i>	<i>80</i>
<i>Um conhecimento não facultativo</i>	<i>81</i>
<i>É preciso intelectualizar pessoas negras</i>	<i>83</i>
Como pensar práticas antirracistas	
em sala de aula?.....	87
<i>Um mundo individualista e desumanizado</i>	<i>90</i>
<i>A filosofia Ubuntu: eu sou porque nós somos</i>	<i>92</i>
<i>A velhice em uma cultura de respeito</i>	<i>94</i>
<i>Um projeto pedagógico baseado em</i>	
<i>potências culturais.....</i>	<i>97</i>
<i>A proposta decolonial</i>	<i>100</i>
<i>Textos que estimulam o questionar</i>	<i>110</i>
Diversidade não se constrói, se celebra!	115
<i>A sociedade centrada no homem (branco).....</i>	<i>118</i>
<i>Uma opressão para chamar de sua</i>	<i>120</i>
<i>Espaços de poder: reservados para alguns</i>	<i>122</i>
<i>Buscando um mundo plural.....</i>	<i>125</i>
<i>A pedagogia da implosão.....</i>	<i>127</i>
<i>Combatendo a reprodução dos estigmas</i>	<i>129</i>

“Sou contra as cotas, pois o necessário é melhorar a escola básica”	131
<i>Um direito conquistado com muita luta.....</i>	<i>134</i>
<i>Mas não basta existirem cotas.....</i>	<i>137</i>
Como ser um educador antirracista.....	143
<i>O que você pode fazer hoje</i>	<i>146</i>
<i>Um olhar antirracista de natureza prática</i>	<i>148</i>
<i>Sejamos doadores de memórias.....</i>	<i>149</i>
Referências	151



Planeta

“Eu, professor
branco, posso ser
antirracista?”

Antirracista?

A pergunta que mais escuto de pessoas brancas nesses anos de ativismo dentro da causa racial é: qual o papel delas na luta antirracista? Isso por várias razões: porque pessoas brancas não se racializam, porque elas não entendem o que é o racismo e, por consequência, o que é antirracismo...

É muito comum, dentro de um trabalho pedagógico em sala de aula, pautarmos uma prática voltada à educação para as relações étnico-raciais (ERER) e os professores e as professoras instantaneamente associarem tal ação a falar de pessoas indígenas ou de gente negra.

Esses profissionais dificilmente pensam em dar uma aula ou preparar uma sequência didática sobre branquitude. Não pensam em abordar, por exemplo, a história da ciência apresentando os maiores nomes de cientistas conhecidos no

ocidente problematizando o fato de serem todos homens brancos e explicando que isso não é por conta de algum atributo genético de genialidade reservado a eles, mas sim fruto de uma construção social racista e patriarcal que os privilegia.

Não pensamos em práticas pedagógicas que problematizam o privilégio branco no âmbito da ERER porque **peças brancas não são racializadas**. Por mais que a branquitude tenha criado o conceito de raça, essas pessoas se veem e se projetam no lugar de “ser genérico” de “sujeito universal”; elas, em si, são a representação do humano; **racializados são os outros, os afastados da humanidade padrão, são “os menores”, os “menos humanos”**. Há quem diga que isso é um grande mimimi, mas não é. É mimimi só para quem se beneficia do racismo e tem fascínio pelos seus privilégios.

Historicamente, o conceito de raça surgiu na modernidade europeia como um importante marcador de hierarquização humana que possibilitou distinções entre as pessoas a fim de categorizá-las e classificá-las hierarquicamente do ponto de vista estético (fenotípico). Era uma lógica supremacista: **“Se eu diminuo o outro e faço com que ele acredite nisso, eu o domino”**. Estavam dadas as bases para um novo modelo de produção, pautado na acumulação primitiva do capital a partir do mercantilismo escravagista.

A ciência e a filosofia foram fortes aliadas nesse processo. Filosoficamente, autores de grandes sistemas filosóficos afirmaram que pessoas negras eram inferiores, a exemplo de David Hume:

Eu estou em condições de suspeitar serem os negros naturalmente inferiores aos brancos. Praticamente não houve nações civilizadas de tal compleição, nem mesmo qualquer indivíduo de destaque, seja em ações seja em investigação teórica. [...] Tal diferença uniforme e constante não poderia ocorrer, em tantos países e épocas, se a natureza não tivesse feito uma distinção original entre essas raças de homens. Sem citar as nossas colônias, há escravos negros dispersos por toda a Europa, dos quais ninguém alguma vez descobriu quaisquer sinais de criatividade, embora pessoas de baixa condição, sem educação, venham a progredir entre nós, e destaquem-se em cada profissão. Na Jamaica, realmente, falam de um negro de posição e estudo, mas provavelmente ele é admirado por realização muito limitada como um papagaio, que fala umas poucas palavras claramente.

Hume afirmava a inferioridade negra e atribuía ela a uma propensão natural, ou seja, estava

dada no plano genético/biológico. Nesse mesmo lugar da ciência, o reforço de inferioridade foi intenso. **Testes craniométricos e medidas com paquímetros de tamanhos de nariz, maxilar etc. estabeleceram traços imanentemente negroides e os associaram à raça negra, que era caracterizada por ter regiões cerebrais de maior propensão à obediência e à subserviência que ao intelecto e à autonomia, por exemplo.**

Para quem é da área das ciências naturais, é de fácil compreensão a importância crucial da empiria¹ nesse processo, visto que as práticas experimentais dentro de uma perspectiva positivista² de ciência tinham um forte caráter validador de conhecimentos. Nesse sentido, as ciências biomédicas desumanizaram, fundamentalmente, pelo atributo do intelecto, as pessoas negras – uma vez que no constructo ocidental a definição de humano está associada à sua racionalidade, e a própria ciência nos destituiu dela.

¹ Empiria é o conjunto de dados ou acontecimentos conhecidos através da experiência, por intermédio das faculdades sensitivas (e não por meio de qualquer necessidade lógica ou racional).

² Criado por Auguste Comte (1798-1857) e desenvolvido por inúmeros epígonos, o positivismo é um sistema que se propõe a ordenar as ciências experimentais, considerando-as o modelo por excelência do conhecimento humano, em detrimento das especulações metafísicas ou teológicas.